

tópicos e notas críticas

Teresa Santos Pinto *

Sobre a problemática da forma urbana : o método de pesquisa de Kevin Lynch

1. Introdução

Num contexto actual, a problemática da forma urbana tem suscitado inúmeras pesquisas ou tendências visando a sua compreensão. Estas tendências têm sido desenvolvidas em vários campos do conhecimento, assentando em metodologias diferentes que visam a compreensão da cidade através do seu mecanismo económico, do seu desenvolvimento histórico, da sua evolução urbanística e arquitectónica, do seu significado enquanto «imagem», etc. Esta diversidade de explicações da forma urbana leva-nos a admitir que o nível do progresso científico neste sector está ainda num primeiro estágio de desenvolvimento, em que se verifica um marcado alargamento horizontal do campo de investigação, em detrimento de um aprofundamento e estruturação global.

No âmbito de uma pesquisa sobre a aparência da cidade, através do entendimento da sua imagem, Kevin LYNCH propõe a aplicação de um método em que procura avaliar o significado da cidade como *imagem colectiva* para os homens que a habitam. Pretende, assim, através da aplicação desse método, reconhecer as inter-relações dos *valores* urbanos que, na sua forma visual, poderão vir a intervir na estruturação de uma paisagem urbana a modelar ou remodelar.

* A Autora, que é arquitecta, elaborou o presente texto como aluna da cadeira de Introdução às Ciências Sociais, do Instituto de Estudos Sociais, e no âmbito dos trabalhos de aplicação dessa disciplina.

Deste modo, entenda-se a contribuição de K. LYNCH como uma tentativa para esclarecer os símbolos e suas relações espaciais na cidade ligadas a precisas impressões psicológicas. Estas relações são extraídas do real através de uma análise empírica, a partir da qual se procuram construir os princípios ordenadores que poderão no futuro fundamentar, em termos de composição, a estruturação de imagens claras e agradáveis da paisagem urbana que se habita.

2. Notas sobre o autor

Kevin LYNCH nasceu em 1918. Para além de uma formação de arquitecto, onde teve por mestre F. L. WRIGHT, empreendeu estudos sobre psicologia e antropologia.

A sua forma de abordar o problema é de certo modo inédita. Limitando-se voluntariamente ao domínio do visual, procura estudar as bases de percepção específica da cidade, donde tenta destacar as constantes com vista à sua integração em qualquer proposta de ordenamento urbano. Financiado pela Fundação Rockefeller, procedeu a uma pesquisa sobre «a forma perceptiva da cidade», tomando como terreno de experiência Los Angeles, Boston e Jersey City¹.

Com base nos elementos de pesquisa e mediante aplicação do método por ele usado, K. LYNCH tenta dar uma resposta a perguntas tais como: o que significa a aparência da cidade ou a sua forma visual para os homens que a habitam, a abordam ou atravessam? Como e de que é constituída a sua imagem mental? Haverá entre as diferentes imagens individuais um fundo comum de elementos e de relações que o urbanismo possa ter em conta para modelar ou remodelar uma paisagem urbana satisfatória para todos os seus habitantes?

Os resultados desta pesquisa constituem matéria de interesse para a compreensão da relação entre os elementos da forma urbana e a qualidade da imagem que motivam.

3. Conceitos fundamentais

3.1 Antes de se entrar pròpriamente na descrição do método de reconhecimento no terreno e dos modelos de entrevistas utilizados com vista à análise da forma e imagem colectiva da cidade, parece-nos fundamental citar determinados conceitos que estão na base destes estudos e de que seguidamente se dá conhecimento.

3.2 *Construção da imagem do «environment»*. — As imagens do *environment* resultam do diálogo entre o observador e o seu meio. O *environment* proporciona determinados estímulos que o observador escolhe e organiza e aos quais dá sentido. Há,

¹ Ver Kevin LYNCH, *The Image of City*, The M. I. T. Press, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Massachusetts, 1960. (Existe também tradução em língua francesa: Dunod, Paris, 1969.)

portanto, um processo constante de interacção entre o indivíduo e a realidade que o cerca.

Mas a imagem de uma dada realidade pode apresentar variações significativas de um observador para outro. No entanto, pode haver uma grande concordância nestas imagens, quando se consideram os observadores agrupados em classes homogêneas em relação a idade, sexo, cultura, profissão, concordância esta que depende também do carácter ou familiaridade do objecto a que se referem tais imagens.

O que nos interessa aqui reter são precisamente estas «imagens colectivas», que exprimem o acordo de um número significativo de indivíduos e que constituem, por assim dizer, zonas de acordo, consequentes da interacção de uma mesma realidade física, de uma cultura comum e de uma natureza fisiológica idêntica.

3.3 *Tipos formais de elementos da imagem da cidade.* — Das imagens das cidades estudadas até agora podem destacar-se cinco tipos de elementos referentes ao conteúdo das formas físicas e que são: os *percursos*, as *margens*, os *Bairros*, os *núcleos* e as *referências*, aos quais faremos breve alusão.

Percursos: São canais ao longo dos quais o observador se desloca habitualmente, ocasionalmente ou potencialmente. Podem ser ruas, percursos de peões, canais de metropolitano, vias de caminho-de-ferro, etc. Os outros elementos do *environment* dispõem-se ao longo destas vias, criando certas relações entre si.

Margens: São elementos lineares que o observador não utiliza ou que não considera como percursos. Servem de referências laterais, e não pròpriamente de eixos de coordenadas. Podem ser rios, muros, troços de vias férreas, etc. Estes limites podem constituir barreiras ou funcionar como «costuras».

Bairros: São partes da cidade cuja representação surge como um espaço a duas dimensões onde um observador pode penetrar em pensamento e que se reconhecem por terem um carácter geral que permite identificá-las.

Núcleos: São pontos e locais estratégicos de uma cidade, penetráveis por um observador e que constituem pontos focais intensos para (e a partir dos quais se faz) a circulação. Podem ser zonas onde se muda de sistema de transporte, cruzamentos, pontos de convergência de vias, locais de passagem de uma estrutura para outra. Os núcleos podem ser apenas *pontos de concentração* resultantes de uma forte intensidade funcional ou de certos caracteres físicos (como, por exemplo, uma praça fechada).

Referências: São elementos pontuais, mas onde o observador não pode penetrar, sendo, por assim dizer, externos. São habitualmente objectos físicos definidos de um modo simples: um edifício, uma *boutique*, uma montanha. A sua utilização implica a escolha

de um elemento único entre uma variedade de possibilidades. As referências são frequentemente utilizadas para identificar e mesmo estruturar a imagem do complexo urbano.

Como é evidente, nenhum destes elementos existe na realidade em estado isolado. Os *bairros* estruturam-se segundo *núcleos* circunscritos por *margens*, atravessados por *percursos* e pontilhados de *referências*.

3.4 *Estrutura e identidade.* — A *imagem do environment* pode ser analisada a partir de três componentes — identidade, estrutura e significação.

Com base nas primeiras análises no terreno, estabeleceram-se as principais hipóteses respeitantes aos tipos de elementos, ao modo como se interligam e ao que contribui para lhes dar uma forte identidade. Estas hipóteses foram depois testadas e afinadas através de entrevistas.

Por outro lado, com estes estudos pretendeu-se afinar uma técnica com vista à análise visual de uma cidade e que possa pre-dizer a imagem colectiva provável para essa cidade.

Uma imagem, para ser utilizável, implica a *identificação* de um objecto, o que supõe que se distinga das outras coisas, ou seja, que o reconheçamos como uma entidade separada. É precisamente no sentido de individualidade e de unidade que se emprega o termo *identidade*. A *estrutura* define a relação espacial ou paradigmática do objecto com o observador e com os outros objectos. Por outro lado, o observador atribui uma *significação* prática e afectiva aos objectos de que se serve.

Mas, porque a manipulação física tem mais facilmente influência sobre as duas primeiras componentes, e também porque, nas imagens colectivas, as impressões de identidade e afinidade têm maior consistência que a de significação, a atenção tende sobretudo a concentrar-se na *clareza física* da imagem, deixando a significação esboçar-se espontâneamente, sem a tentar orientar directamente.

3.5 *O conceito de legibilidade.* — K. LYNCH sustenta que a *legibilidade* é uma qualidade, não única, mas fundamental, para a compreensão e composição urbanas, sobretudo quando nos colocamos à escala da cidade, do ponto de vista do tamanho, duração e complexidade, a fim de examinar o *environment*.

Esta qualidade particular — a legibilidade — define-se como a facilidade com que se podem reconhecer os elementos da forma urbana e organizá-los num esquema coerente. Uma cidade *legível* é aquela cujos bairros, referências ou percursos são facilmente identificáveis e integrados num esquema de conjunto.

A estruturação e a identificação do meio são faculdades vitais em todos os animais.

São múltiplas as indicações utilizadas com esse fim, desde impressões visuais de cor, forma e movimento, até ao odor, som, tacto, sensações quines-tésicas, sensibilidade ao peso e talvez mesmo os campos magnéticos e eléctricos.

No homem, de tal modo esta faculdade é importante que a perda de orientação se acompanha normalmente de uma sensação de ansiedade, se não mesmo de medo. Uma boa imagem do *environment* é essencial, tanto para a sua segurança emotiva como para o estabelecimento de relações harmoniosas com o mundo exterior. Um quadro físico vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem intensa e bem tipificada, desempenha também um papel social. No entanto, interessa aqui ressaltar que o próprio observador desempenha um papel decisivo na percepção do mundo e tem uma participação criadora no desenvolvimento da sua imagem. Por outro lado, um *environment* ordenado de modo detalhado, preciso e definitivo é certamente desencorajante da criação de novos modos ou modelos de actividade. Há que criar uma ordem não definitiva e capaz de um desenvolvimento ulterior.

3.6 *O conceito de imagibilidade.* — É precisamente a ideia de imagibilidade que K. LYNCH vai verificar através da análise das formas e do seu efeito sobre os cidadãos.

A imagibilidade é uma qualidade física que se relaciona com a identidade e a estrutura entendidas como atrás referimos, e é para um dado objecto a qualidade graças à qual há grandes possibilidades de provocar uma forte imagem em qualquer observador. É, portanto, a aptidão que certos objectos possuem de se apresentarem aos sentidos de uma forma aguda e intensa.

Uma cidade com uma forte *imagibilidade* seria apreendida pelos sentidos não apenas de um modo mais simples, mas também de uma forma mais aprofundada e extensiva. Seria o caso de uma cidade que se poderia aperceber, ao fim de algum tempo, como uma estrutura fortemente contínua, composta por elementos numerosos, ao mesmo tempo distintos e claramente ligados entre si.

No entanto, este conceito não implica nada de evidente à primeira vista, de patente ou de manifesto; pelo contrário, a totalidade do *environment* tem de ser e é profundamente complexa e estar em contínua alteração. O conceito de imagibilidade levanta o problema da determinação das características formais a que deve sujeitar-se um dado *environment* para que seja fácil a um observador humano identificar as suas partes e dar-lhe uma estrutura.

4. Apresentação do método

4.1 Após termos feito alusão a alguns conceitos que nos pareceram básicos para a compreensão do trabalho do autor a que nos temos vindo a referir, resta-nos a apresentação do método através do qual K. LYNCH procurou testar a ideia de *imagibilidade* e descobrir quais as formas que produzem *imagens fortes*, com base na comparação entre a imagem e a realidade visual, no sentido de propor alguns princípios de composição urbana.

O objectivo destes princípios não é a forma material em si mesma, mas a qualidade da imagem. Nesta ordem de ideias, K. LYNCH aponta como fundamental a elaboração de um *plano visual* feito à escala da cidade, o qual deveria fazer parte de

qualquer plano urbanístico detalhado. Com este fim, far-se-ia uma análise da forma existente e das correspondentes imagens colectivas, cujos resultados seriam traduzidos em diagramas e relatórios ilustrando as imagens colectivas importantes, os problemas e possibilidades visuais fundamentais, os elementos críticos da imagem e as inter-relações entre esses elementos, com o detalhe das suas qualidades e faculdades de alteração. Com base nestes estudos, seria então elaborado o plano visual, cujo objectivo seria o reforço da imagem colectiva e ao qual deveriam estar sujeitas todas as operações de modelação ou remodelação urbanas.

Como já atrás referimos, grande parte das informações que constam do trabalho de K. LYNCH resultam da análise levada a cabo nas *zonas centrais* de três cidades americanas: Boston, Jersey City e Los Angeles. Foram utilizados dois métodos: uma entrevista a uma pequena amostra de cidadãos, no que respeita à sua imagem do *environment*, e um exame sistemático da imagem que o meio envolvente evoca no terreno em «observadores treinados».

4.2 *As entrevistas aos cidadãos.* — As entrevistas eram bastante longas, demorando normalmente uma hora e meia. A totalidade da discussão era gravada em fita magnética e em seguida transcrita. Este processo, ainda que moroso e pesado, permitiu, no entanto, registar os mínimos detalhes, tais como silêncios reveladores ou inflexões na voz.

Nestas entrevistas de base, feitas em sala, eram postas três questões:

- a) elaborar um esquiço do plano da cidade;
- b) descrever com detalhe um certo número de trajectos através da cidade;
- c) fazer uma lista, acompanhada de uma breve descrição, das partes da cidade que no espírito das pessoas interrogadas eram mais características ou «intensas».

A especificação das questões que constavam destas entrevistas é fornecida, em anexo, no final da presente nota.

As finalidades das entrevistas eram:

- 1.º pôr à prova a hipótese de imagibilidade;
- 2.º conhecer, ainda que grosseiramente, as imagens colectivas das três cidades em estudo;
- 3.º definir um método eficiente para a determinação de imagens colectivas, para qualquer cidade.

Em Boston, uma vez que as pessoas se mostravam suficientemente interessadas, foi organizada outra sessão, onde os inquiridos, diante de uma série de fotografias que cobriam a totalidade da zona em estudo e também de zonas de outras cidades, eram solicitados a classificá-las, agrupando-as de um modo que lhes parecesse natural. Finalmente, convidados a identificá-las, na medida do possível, descreviam as indicações de que se serviam para essa identificação.

Após estas entrevistas de base, os mesmos inquiridos eram conduzidos ao terreno, onde se lhes solicitava que percorressem trajectos imaginários referidos.

Pedia-se às pessoas que explicassem as razões por que escolhiam um determinado trajecto, e não outro, e descrevessem o que viam ao longo dos percursos, indicando onde se sentiam mais «seguras» e onde se consideravam «perdidas».

Para controlo da informação desta pequena amostra do exterior, fez-se o estudo das respostas, dadas por pessoas que circulavam nos passeios, a perguntas tais como: «Como posso ir a...?», «Como saberei que já lá cheguei?», «Quanto tempo levarei a chegar lá a pé?», etc.

4.3 *Método de reconhecimento no terreno.* — Como ponto de comparação em relação a estas descrições subjectivas da cidade, pareceu a Kevin LYNCH que o melhor meio de definir a realidade física não era propriamente a utilização de qualquer método quantitativo e «objectivo», como, por exemplo, as fotografias aéreas, mas o basear-se na percepção e avaliação de alguns observadores no terreno, treinados para observarem com cuidado, dando prioridade aos elementos urbanos que se haviam mostrado significativos nas pesquisas precedentes (entrevistas aos cidadãos). Com uma consciência clara do conceito de imagibilidade, o observador treinado teria de fazer a pé uma cobertura sistemática da zona.

Os dados de observação eram organizados num plano onde se indicavam, especificando a sua importância, força, destaque, etc., a presença, visibilidade e inter-relações entre pontos de referência, núcleos, percursos, margens e bairros. O plano assim elaborado não traduz a realidade física em si mesma, mas as impressões gerais que a forma real produz num observador com uma certa preparação.

Em anexo à sua obra principal, o autor expõe alguns destes planos, cujo sistema de notação nos pareceu pouco conseguido, relativamente à importância que lhe é atribuída.

5. Observações do autor em relação ao seu método

5.1 No referente à análise no terreno, efectuada a pé, resultam dois tipos de erro, segundo o próprio Kelvin LYNCH: uma tendência para desprezar os elementos menores, que têm importância para a circulação automóvel, e uma certa negligência de determinadas particularidades dos bairros, que têm uma importância singular para as pessoas interrogadas, como consequência do *status* social que reflectem. Deste modo, o método de pesquisa no terreno, se completado com percursos utilizando o automóvel, parece ser uma técnica capaz de prever com sucesso a imagem sintética mais provável, excluindo os efeitos imprevisíveis do *status* social.

Nas entrevistas de base, os esquiços revelaram-se maus indicadores quanto à estrutura conectiva, tal como era conhecida, e a lista de enumeração das particularidades mais características

evidenciou-se como uma técnica possuindo o nível de percepção mais elevado e fazendo ressaltar unicamente os elementos que foram mais intensamente referidos, quer na análise no terreno, quer nas entrevistas orais.

5.2 Ainda que estes métodos tenham revelado muita coerência interna, o autor aponta duas críticas principais quanto à representatividade da amostra:

1.º — *As amostras eram muito reduzidas.* — É impossível generalizar a partir destas pesquisas e afirmar que se descobriu a verdadeira «imagem colectiva de uma destas cidades». No entanto, a pequena dimensão das amostras era exigida pelo tipo de pesquisa em profundidade que foi praticada e pela duração requerida pela técnica de análise. Impõe-se, portanto, uma contra-pesquisa com uma amostra mais extensa, e isto requer métodos mais rápidos e precisos.

2.º — *A composição desequilibrada da amostra.* — Este desequilíbrio é sobretudo manifesto no que respeita à classe e profissão, estando essencialmente representados os quadros médios e superiores e os membros de profissões liberais. No entanto, foram excluídos urbanistas, arquitectos e engenheiros. Como consequência, é possível que os resultados comportem uma certa deformação de classe. No que respeita à idade e sexo, a sua composição era equilibrada.

Todavia, e apesar do que atrás foi dito, pode concluir-se que:

- a) em virtude da coerência das informações recolhidas de diversas fontes, os métodos utilizados dão efectivamente uma ideia, razoavelmente digna de confiança, da imagem da cidade, podendo esses métodos aplicar-se a cidades diferentes;
- b) apesar da pequena escala e da deformação de classe social da amostra, há razões para crer que a imagem sintética obtida pode constituir uma primeira aproximação grosseira da verdadeira «imagem colectiva».

Por outro lado, comenta Kevin LINCH, os elementos escolhidos por hipótese (núcleo, bairro, referência, margem, percurso) foram em larga medida confirmados, depois de algumas modificações. Tais categorias não existiam no sentido de arquétipos platonianos, mas mostraram-se largamente capazes de apreender os resultados da pesquisa sem demasiadas dificuldades ou distorções.

5.3 No intuito de superar as dificuldades e as críticas acima referidas, o autor propõe um novo método com vista a que a informação recolhida possa efectivamente servir de fundamento à composição urbana. Este método pode sinteticamente equacionar-se nos seguintes termos.

Numa primeira fase empreender-se-iam dois tipos de estudos:

- 1.º — Reconhecimento geral do local, feito por dois ou três observadores treinados, percorrendo a cidade sistematicamente, tanto a pé como de automóvel, de dia e de noite, e completando esta cobertura geral com vários trajectos — «problema». Esta análise seria depois transcrita numa carta analítica do local.
- 2.º — Paralelamente, seria levada a cabo uma entrevista de massa, relativa a uma extensa amostra, equilibrada de modo a ser representativa das características gerais da população. A análise desta informação incidiria: sobre a frequência com que seriam mencionados os elementos e as suas interacções; sobre a ordem com que seriam executados os desenhos; sobre os elementos em evidência; sobre a sensação de estrutura, e sobre a imagem composta resultante do conjunto das entrevistas.

O reconhecimento do terreno seria então comparado às entrevistas na rua, do ponto de vista da relação entre a imagem colectiva e a forma visível.

A segunda fase, consagrada à investigação destes problemas, poderia então começar. Neste sentido, far-se-ia uma pesquisa intensiva numa amostra reduzida. Analisado o conteúdo desta informação, proceder-se-ia a um reconhecimento no terreno focalizado sobre os mesmos problemas.

Posteriormente seriam levados a cabo estudos detalhados sobre *identidade* e *estrutura*, feitos em condições muito diversas de iluminação, distância, actividade e movimento; tais estudos utilizariam os resultados das entrevistas, mas não deveriam de modo algum limitar-se a estes.

Todo este material seria, por fim, tratado de uma forma sintética e traduzido em relatórios e planos que dariam a imagem fundamental da zona, o conjunto de problemas e de forças visuais, os elementos determinantes e as suas inter-relações.

É precisamente numa tal análise, modificada constantemente no sentido de uma actualização, que K. LINCH sustenta ser possível fundamentar o plano da futura forma visível da cidade.

6. Alguns temas de pesquisa propostos pelo autor

Dentro deste campo de análise, há etapas próximas perfeitamente evidentes e outras, talvez ainda mais importantes, que são difíceis de definir.

Uma primeira etapa consiste em utilizar uma técnica de análise que permita interrogar uma amostra mais representativa da população, que poderia ser a atrás referida. Por outro lado, os estudos deveriam orientar-se também para outras cidades, designadamente não americanas. Seria igualmente interessante aplicar estes métodos a *environments* diferentes da cidade, na escala e funções, por exemplo, um edifício ou uma paisagem.

Noutro nível, poder-se-ia também investigar a relação que existe entre uma imagem-recordação comunicável e a imagem utilizada quando se trata de tomar decisões.

Os estudos actuais têm-se debruçado sobre as imagens tais como existem num momento dado. Mas como se desenvolvem estas imagens? Que imagens tem um estrangeiro quando chega a uma nova cidade? Como se desenvolve numa criança a imagem que ela tem do mundo? Como podem estas imagens ser ensinadas ou comunicadas? Que formas são mais aptas para o desenvolvimento da imagem? Estes problemas levantam-se também com a reconstrução da cidade: o ajustamento da imagem às mudanças exteriores.

Outros temas de pesquisa se poderiam ainda referir, tais como: a imagem da cidade concebida como uma estrutura total que se prolonga no tempo, as possibilidades que o conceito de imagibilidade oferece na concepção e composição urbana, a quantificação deste tipo de informação.

No entanto, pareceu-nos que o que ficou dito é suficiente para evidenciar, por um lado, o largo campo de investigações que se abre a partir desta óptica (onde a cidade é considerada como um conjunto de formas capazes de produzir imagens mais ou menos úteis no sentido de uma orientação e percepção do meio) e, por outro, o valor destes estudos como base de uma modelação e remodelação urbanas, tornando possível uma maior intencionalidade e controlo das soluções ao nível da forma.

7. Breve nota crítica

A contribuição de Kevin LYNCH levanta algumas dúvidas, ao pensarem-se os valores urbanos detectados numa análise do real como estruturantes da paisagem urbana.

Assim, serão os valores urbanos recolhidos os mais relevantes na concepção e remodelação dessa paisagem? Será pertinente, numa pesquisa, considerar significativos os valores que os utentes de uma cidade classificam de importantes, isto é, considera o autor como normativas as leituras que os utentes façam da cidade tendentes a fundamentar a estrutura de um futuro ambiente?

Podemos ainda perguntar se o que interessa que seja significativo na cidade coincide necessariamente com o que os utentes «consideram significativo na cidade».

Por outro lado, em que termos poderá a «imagem-memória» de uma cidade e o que se deseja lhe venha a pertencer fundamentar a estruturação de um ambiente urbano?

Sendo a cidade a projecção no território dos valores culturais e do jogo de forças políticas e interesses económicos em presença, como encarar, no âmbito da imagem-memória da cidade, este problema?

Dentro desta óptica, certos estados de desorganização urbana são consequência de uma dada estrutura socioeconómica e política. Em que medida interessa sossegar os habitantes, fornecendo-lhes uma paisagem mais agradável, desde que um determinado contexto se mantenha?

ANEXO

Em relação à entrevista a uma pequena amostra de cidadãos, no que respeita à imagem do *environment*, referiu-se o tipo de questões a que aqueles eram solicitados a responder. No entanto, não queremos deixar de apresentar na íntegra a lista de perguntas que faziam parte da entrevista de sala, que passamos a transcrever:

1 — Que sugere imediatamente ao seu espírito, que evoca para si a palavra Boston? Como descreveria a traços largos Boston, no sentido físico e material do termo?

2 — Gostaríamos de que desenhasse um plano rápido de Boston, da parte situada no interior, ou do lado central de Massachusetts Avenue. Faça-o como se tivesse de descrever rapidamente a cidade a um estrangeiro, indicando todas as principais particularidades. Não pedimos um desenho exacto. (*O inquiridor deve tomar notas sobre a ordem pela qual é desenhado o plano.*)

3 a — Pode, se faz favor, dar indicações claras e completas sobre o trajecto que segue habitualmente para ir da sua casa para o seu local de trabalho? Imagine-se a fazer o trajecto e descreva a sequência do que veria, ouviria ou sentiria ao longo do caminho, abrangendo os elementos indicativos que se tornaram importantes para si e as indicações de que um estrangeiro teria necessidade para tomar as mesmas decisões que o senhor quanto ao caminho a seguir. O que nos interessa é a descrição material das coisas. Não tem nenhuma importância que não se lembre dos nomes das ruas e praças. (*Durante a descrição do trajecto, o inquiridor deve, se necessário, fazer sondagens, para procurar obter descrições mais detalhadas.*)

3 b — Experimenta sentimentos especiais a propósito de algumas partes do seu trajecto? Quanto tempo duram? Existem sítios no seu trajecto onde se sente inseguro quanto à sua localização? (*Em seguida, devem repetir-se as questões n.º 3a, a propósito de um ou vários trajectos idênticos para todas as pessoas interrogadas, por exemplo: «vá a pé de Massachusetts General Hospital a South Station», ou «vá de automóvel de Faneuil Hall a Symphony Hall».*)

4 — Agora gostávamos de saber quais são, na sua opinião, os elementos mais característicos do centro de Boston. Podem ser grandes ou pequenos; o que pedimos é que nos indique os que acha mais fáceis de identificar e de reter na memória. (*Para cada dois ou três elementos registados como resposta a esta questão n.º 4, o inquiridor prossegue fazendo as perguntas n.º 5.*)

5 a — Poderia descrever-me (o elemento referido em resposta à questão n.º 4)? Se o conduzissem aí com os olhos vendados, que indicações utilizaria, logo que lhe retirassem a venda, para identificar com segurança o local onde se encontrava?

5 b — Experimenta sentimentos especiais a propósito de (*idem*)?

5 c — Pode indicar-me no seu plano onde se encontra (*idem*)? (E, se for necessário, quais são os limites?)

6 — Pode indicar-me, no seu plano, a direcção norte?

7 — A nossa entrevista já terminou, mas agradecemos se aceitasse ter, durante alguns minutos somente, uma conversa livre connosco (*as seguintes questões são introduzidas, sem ordem preestabelecida, na conversa*):

- a) Na sua opinião, o que é que nós procuramos descobrir?
- b) Que importância tem, para as pessoas, a orientação e a possibilidade de reconhecer os elementos das cidades?
- c) Experimenta um certo agrado por saber onde se encontra e/ou para onde se dirige? Ou um certo desagrado, no caso contrário?
- d) Pensa que Boston é uma cidade onde as pessoas encontram facilmente o seu caminho, onde se identificam facilmente as suas várias partes?
- e) Entre as cidades que conhece, quais são aquelas que acha que possuem uma boa orientação? Porquê?